



APOIO



Sicredi

A centenária Tereza Fernandes forte por natureza, suave por opção

IOLANDA GARCIA
RODNEY GARCIA



Dona Tereza e o esposo, retrato do casamento

Natural de Valparaíso – SP, nascida em 05/03/1919, Tereza Teixeira Fernandes casou-se com Miguel Teixeira Franco. Filha de espanhóis. Em 1945, mudou-se para o estado do Paraná, onde o esposo mexia com leitearia, permanecendo até 1963, quando seu esposo, acompanhando seu compadre Geraldão e o amigo Aristeu, comprou terras em Tangará da Serra e estabeleceu com a família neste município. São 56 anos vivendo nesta terra. Mãe de 11 filhos, sendo um natimorto. Entre netos, bisnetos, tataranetos e agregados, a família de Dona Tereza supera o número de 100 pessoas.

De saúde fragilizada pelo tempo, dona Tereza, de expressão serena, convive com o tempo, tecendo-o com olhares e lembranças de uma vida dedicada aos filhos, ao esposo – in memoriam – e aos afazeres domésticos. Viúva há 16 anos, é cuidada pelos filhos, em especial, por Claudio, Zulmira e Maria. Prefere morar no sítio, onde se estabeleceram desde a chegada a este município. Com o acompanhamento dos filhos já mencionados, parte das memórias desta senhora que dedicou mais da metade de sua vida a esta cidade pôde ser contada. Mais que transcrições de fragmentos de memórias, a vida se faz presente em seus gestos. Marcado pelo tempo, seu corpo não é impedido de acompanhar, orientar e até fiscalizar o preparo de pratos e de iguarias. Conforme revela Maria: “Se a

gente descuidar, a minha mãe prepara a comida dela. Nós temos medo que ela se machuque lidando com as panelas”.

Ao longo dos 36.500 dias vividos, muitas coisas aconteceram. Situações corriqueiras e inusitadas foram vividas, experimentadas. Sentimentos e emoções externados ou contidos. Há muita história para contar sobre as 876.000 horas passadas entre as cidades de São Paulo, Paraná e Mato Grosso. Ao mesmo tempo, com naturalidade, as memórias são ressignificadas pela narrativa, pois traz sobre si marcas individuais e coletivas, passando a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala. Por exemplo, Dona Tereza lembra, entre risos, que seus pais vieram da Espanha para, em seguida, afirmar que as mulheres espanholas não sabiam torrar café: “A mulherada não sabia muita coisa do Brasil, elas não sabiam que café tinha que limpar primeiro para torrar. Aí, colocavam para torrar e pegava fogo, queimava tudo”.

Dona Tereza veio do Paraná trazendo a mudança em dois caminhões. Um com um Jeep e um carrinho de animal, junto com a mobília e os filhos. “Eu vim dentro do Jeep junto com meu filho. As crianças vieram na cabine e na carroceria”, disse ela, e o outro caminhão veio com animais: porco, galinha, vaca e cavalo. “Nosso Jeep foi um dos primeiros carros a chegar aqui. Resto era caminhão que ia e que vinha trazendo pessoas, mantimentos,” rememora.

A filha Zulmira Teixeira Corsino, que, em boa parte do tempo, cuida de Dona Tereza, contou que “na serra Tapirapuã não tinha estrada; era só um trilha, tipo uma picada, que a gente

usava para chegar até aqui em cima. Tivemos que descer parte dos móveis da minha mãe, porque os galhos que batiam na carroceria do caminhão começaram a quebra-los. Descemos os móveis e subimos a serra a pé...” Relatou que demoraram a chegar aqui em Tangará. Declarou que veio no caminho cantando e bem tranquila, a mãe não estava nada contente com a mudança.

Dona Maria, outra filha de dona Tereza, foi quem nos levou até a residência materna, um sítio que fica logo depois do Bairro Alto da Boa Vista. No caminho, dona Maria nos contou que o pai, Miguel Teixeira Franco, quando aqui chegou comprou terra, aproximadamente 300 alqueires: “meu pai comprou muita terra aqui em Tangará, o pagamento foi feito em gado que ele tinha no Paraná, pois o dono da terra era de lá. Lá, meu pai tinha leitearia. Aqui em Tangará ele foi leiteiro por muito tempo... Hoje, tenho um irmão, o Argemiro, que ainda entrega leite de casa em casa, transportando na carroça”. Chegando à casa da mãe e do irmão Claudio, dona Maria foi cuidar de fazer o almoço para deixar a mãe e a irmã Zulmira à vontade para conversar conosco.

Dentre as poucas conversas de dona Tereza, ela nos disse “estou aqui nesse sertão porque meu vóio gostava muito de gado, aqui dava para criar muito gado.” A filha Zulmira emenda: “tenho saudades do tempo em que meu pai tocava boiada e a gente era acordada com o som do berrante da comitiva que chegava à frente para avisar que vinha o gado e para preparar alimentação para comitiva.” Aqui instalados, lembra a filha, que seu pai ia comprar o que faltava em casa na cidade de Nova Olímpia que, à época, era uma curruetela à beira da estrada, mas que quase tudo era tirada da própria terra e dos animais que criavam.



Dona Tereza em sua residência – jul. 2019

A conversa com dona Tereza foi maravilhosa. Ela é uma pessoa carinhosa e prestativa. As filhas Maria e Zulmira e o filho Claudio contribuíram com a prosa, trazendo lembranças da infância e auxiliando dona Tereza em seus dizeres. Filhos com olhares atentos, palavras zelosas e cuidados especiais. Uma vida dedicada à mãe.

“Minha filha, venha

um dia para a gente comer um frango. Só não vem no domingo, porque aqui fica cheio de gente. Se vier em outro dia, vai sobrar mais frango para a gente comer”.



Dona Tereza, ao centro. Maria, à esquerda. Zulmira, à direita.

As filhas lembram que a primeira casa em que moraram chovia muito dentro. Depois, conseguiram construir uma casa de madeira coberta de tabuinha; mais tarde, construíram uma casa de alvenaria no sítio; e dividiam o tempo entre a casa da cidade e a casa da roça. Trajeto da casa da cidade para o sítio era feito à pé. “A gente ia de manhã e voltava à

tardezinha... Na época, em Tangará tinha poucas casas, era um sertão grande, com quase ninguém morando,” lembra Zulmira



Acervo da família



Todos os filhos no aniversário de 96 anos



Dona Tereza e a filha mostrando a cortina feita de garrafa pet